

OPINIÃO

Tribuna do Leitor

Pedimos aos leitores que ainda enviam seus textos manuscritos ou apenas digitados em papel para que, por favor, passem a nos enviar por e-mail, no endereço cartas@jcnet.com.br. Gratos. Editoria de Opinião

Populares nas eleições: o que a Antiguidade pode nos ensinar?

A expressão ‘jogo político’ nos remete, comumente, às ações de escolher ou ser escolhido em uma disputa eleitoral. Mas se um homem ou mulher não possuir a cidadania política, como chamamos, participa ela do jogo? O fato de não votar ou ser votado/a a descarta da jogada? Uma resposta positiva, em princípio óbvia, ganha complexidade quando analisamos os grafites das paredes da Pompéia Romana do século I d.C.. Nela, milhares de escritos foram encontrados em muros, edifícios públicos, tabernas, locais de trabalho, casas, ou seja, em quase todos os espaços disponíveis nas paredes da cidade.

Esses registros eram feitos por populares. Como sabemos disso? As características do texto mostram que o latim usado estava longe das regras gramaticais da norma culta da época. Se para alguns o seu aprendizado era fruto dos poucos anos passados nos bancos escolares, para outros era resultado da labuta cotidiana, do contato com imigrantes, com o comércio, com a prestação do serviço militar e dos momentos de lazer em que ouviam declamações de poesias e leituras de livros nas apresentações em vias públicas.

E quem eram estes populares e como interpretar suas manifestações de apoio a candidatos políticos? A indicação mais comum destes é a sua condição de trabalhador. Por meio dos grafites, essas pessoas referenciavam os ofícios e associações profissionais aos quais pertenciam, como proprietários de pequenas tabernas, oficinas e padarias; atividades independentes na função de professor, alfaiate, vendedor de roupas e joias; além de inúmeras associações de trabalhadores como as do pomari [vendedores de frutas], muliones [cocheiros], aurificis [ourives], pistori [padeiros], lignari [lenhadores], aliarri [vendedores de alho] e galinarii [vendedores de aves], fullones [pissoeiros], unguentari [perfumistas], culinari [ajudantes de cozinha], caupones [taberneiros] e agricolae [trabalhadores agrícolas].

Destes, pouco se sabe se eram livre, libertos ou escravos, mas os nomes citados nos mostram aspectos de sua composição social. Caprasia e Nymphio, Felix, Fuscus e Vaccula, Losimio, Hermes, Iphigenia, Hilario, Narcissus, Fortunatus e Anthusa, Aegle, Maria e Pollia (grafias preservadas no original) sinalizam apenas o seu cognome, sem nome da família, distante dos três nomes característicos dos cidadãos aristocráticos - prenome, nome de família e o epíteto; também eram de origem es-

trangeira, como grega, judaica, árabe, “oriental”. Todos eles de procedência humilde e sujeitos às relações de opressão e exploração originárias da base escravista que vigorava.

São estas referências encontradas em centenas de registros de apoio às campanhas políticas dos dois cargos administrativos escolhidos anualmente em Pompeia: dois Duúnviros e dois Edis. Estes se dedicavam ao ordo decurionum (conselho local responsável pela administração da justiça, das finanças, abastecimento de alimentos, construções e manutenção da ordem pública). Para ocupar estes cargos, o requisito era ser cidadão, ter recursos financeiros e uma profissão honrosa, diferente das citadas acima.

Alguns exemplos mostram esta participação, provavelmente elaborados poucos anos antes da cidade ser coberta pela erupção do Vesúvio no ano de 79: ‘Perfumistas e pobres pedem que elejam Modesto para edil. (CIL, IV, 9932a)’, ‘Os vendedores de fruta rogam para edil Marco Enio Sabino. (CIL, IV, 180)’, ‘O professor Saturnino, com os seus alunos, indicam Caio Cuspiano Pansam para o cargo de edil. (CIL, IV, 275)’, ‘L. Albúcio para edil. O liberto Thesmo pede. (CIL, IV, 983)’, ‘Cerialo roga para que Paquio seja eleito como duúnviro. (CIL, IV, 7671)’, ‘Fusco e Vaculla indicam para edil Aulo Vettio Firmo. (CIL, IV, 175)’, ‘Ifigênia indica Fusco para edil. (CIL, IV, 457)’, ‘Maria roga para que seja eleito como edil Caio Helvio Sabino, digno do cargo público. (CIL, IV, 7866)’, ‘Peço que façam edil a A. Vétio Firmo, pois é digno do cargo. Caprasia com Ninfio e os vizinhos pedem que o façam edil. (CIL, IV, 171)’

Estes grafites evidenciam o apoio de trabalhadores, mulheres e homens que colocaram a serviço de seu candidato o seu apoio e, principalmente, uma rede de relações pessoais razoavelmente expandida, mesmo sem nele poderem votar. Atitude que nos faz refletir que mais importante do que ter o título eleitoral talvez seja a participação ativa na comunidade por meio de opiniões, discussões políticas e atenção às propostas daqueles que cuidarão dos bens coletivos.

● **Lourdes M. G. Conde Feitosa** - Doutora em História Cultural - Professora do curso de História - Coordenadora do Lato Sensu História, Cultura e Poder Unisagrado - Bauru

Réquiem para Marcelo Borges

Travessia. Passagem. Tristeza. Restam as lágrimas. Dos primeiros, você era o mais carinhoso, sempre a fazer um afago nos meus cabelos, em meio às explicações do cenário político de Bauru para o papai. Eu gostava de dizer que em casa ainda existia o voto de cabresto, meu pai sempre me dava o “santinho” do candidato que você estava apoiando, na manhã da eleição - isso não quer dizer que eu obedecia cegamente papai.

Lembro-me de quando você teve hepatite. Mamãe fez questão de cuidar de ti, tirou-te de tua república - aquela que ficava na sobreloja da Pizzaria Vila Rica - e levou-te para casa. Lembro-me dos bifés grelhados e da macarronada com pouca manteiga que ela fazia pra ti. Óbvio que você ficou bom logo. Talvez porque quisesse voltar logo às suas atividades, talvez fosse pelo carinho dela. Nós só podíamos ir até a porta de seu quarto, conversar de longe. Você já militava no Diretório Acadêmico da Engenharia e despontava como uma liderança política, eu era uma pirralha... Demorou para você perceber que eu cresci. Foi preciso muitas cervejas (muitas lá no Bar do Epa, outras em casa), risadas e um bocado de conversas sobre política. Ainda neste ano, em fevereiro, na última vez que nos encontramos na casa de meus pais, me chamou de menininha... Nunca deixou de ser carinhoso conosco. As tuas histórias de participação nos congressos da UNE - União Nacional dos Estudantes - deixavam mamãe de cabelo arrepiado e ela rezava para você não ser preso. Vivíamos o final da ditadura aqui no Brasil. Creio que foi toda a reza dela que te protegeu nesses momentos. Lembro-me de uma história em especial. Você voltara de viagem, de um desses congressos e resolveu ir pra nossa casa, não sei o por-

quê. Abriu o portão, sentou-se na cadeira da varanda e enrolou-se num cobertor. Dormiu, era perto das cinco horas da manhã e você devia ter viajado mais de 30 horas de ônibus. Naquela época, o padeiro deixava o pão quentinho justo naquela cadeira.

Levou um baita susto, ao ver o suposto ladrão, barbudo - como muitos militantes da época o eram -, a descansar. Detalhe: a gente não trancava o portão. Vou sentir falta dessas histórias e de tantas outras que você nos contava dos bastidores políticos da cidade. Este ano não terei o “santinho” do seu candidato à mão e provavelmente não teremos festa de fim de ano em família. Pouco antes de saber que você tinha partido ao fim da tarde, a cidade foi varrida por um forte vento, desses revoltosos, uma nuvem de poeira levantou e fez-se noite mais cedo. Gosto de pensar que era você despedindo-se dessa cidade que tanto amou, que conhecia como a palma de sua mão: a periferia, os problemas, as pessoas. Dizem que você era um grande articulador e que Bauru perdeu um político nato. Eu perdi um primo.

Nesta tristeza, nossa família se irmana a tantas outras famílias que - independente de orientação política, classe social ou credo religioso, perderam entes queridos neste nefasto ano de 2020, o ano da “grande pandemia” e do pandemônio que ela trouxe a reboque. A rede que você trouxe de um desses congressos, de presente para meus pais, hoje balança vazia... Hoje tudo está tudo muito triste... Um beijo grande, Marcelo, primo querido... Bauru, 10 de novembro de 2020, 4h18.

● **Cláudia Leonor G. A. Oliveira**, historiadora, membro da Academia Bauruense de Letras.

FUTURO NAS MÃOS DO ELEITOR HOJE. VOTO COM CONSCIÊNCIA

Dependemos das cidades em que vivemos, a boa oferta de serviços públicos, como na saúde, educação, segurança, transporte, trabalho e laser etc. Que, infelizmente, é comum a sua precariedade.

Porém, neste domingo, 15 de novembro, será a nossa oportunidade, que só ocorre a cada quatro anos, para depositarmos nas urnas o nosso voto no melhor candidato a prefeito e vereador. E que, mesmo em meio a essa pandemia, o eleitor não pode deixar de participar, deste ato cívico em defesa da sua cidade, e de suas prioridades.

E, com autoridade de um eleitor responsável, se preparar, também, para exigir dos eleitos uma administração eficiente, ética, que se evite os costumeiros desvios de recursos públicos!

Como consagrado pela nossa Constituição, felizmente vivemos numa nação democrática!

● **Paulo Panossian**

AGRADECIMENTO MÉDICO

Meu pai, dr. Plínio Leonardi Júnior, médico em Pirajuí, no dia 26/10/2020 adoeceu com a Covid-19 e, distante 3.000 km, inicialmente tive apoio do dr. Filemon Casafus, meu colega de especialidade, que prontamente me deu as primeiras orientações sobre o atendimento em Bauru, até que fosse avaliado pelo dr. José Eduardo B. Antunes, pneumologista, que iniciou o tratamento e pelos quais tenho muita gratidão.

Infelizmente a doença evoluiu e houve a necessidade em interná-lo no Hospital da Unimed Bauru. Em nome da minha família, gostaria de externar meus eternos e sinceros agradecimentos ao profissionalismo e competência da equipe da unidade de Covid do hospital da Unimed Bauru (médicos, enfermeiros, técnicos, fisioterapeutas, nutricionistas, assistentes sociais, enfim, todos envolvidos no atendimento).

Gratidão especial aos colegas que o assistiram com extrema atenção, paciência, dedicação e competência, entre eles: dr. Christiano Barros (cardiologista), que prontamente o internou na fase mais crítica da doença; dra. Valéria Aragão (infeccionista), dr. Edson Carvalho de Melo (infeccionista), dr. Taylor Endrigo T. Olivo (infeccionista), bem como toda equipe de plantonistas da unidade de Covid.

Já em Bauru, pude testemunhar as ótimas instalações e a organização deste hospital. Graças a Deus e ao esforço de toda equipe, ele teve alta no dia 13/11/2020.

Que Deus abençoe o trabalho de vocês e gratidão eterna por tudo que fizeram por ele.

Muito obrigado!

● **Eduardo Piotto Leonardi e família**